

MULHERES CHEFES DE DOMICILIO EM MINAS GERAIS – 1770-1880: novos olhares sobre um velho tema ¹

Vanda Lúcia Praxedes
Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações
Étnico-Raciais e Ações Afirmativas – NERA/FAE/UFMG

RESUMO

Este trabalho discute o perfil de mulheres chefes de domicílio em Minas Gerais, entre 1770-1880, com a finalidade de problematizar a idéia recorrente no pensamento social brasileiro, de que a matrifocalidade estava limitada apenas as camadas populares, mas especificamente as mulheres livres pobres, forras e escrava.

As diversas fontes documentais utilizadas, especialmente as Listas Nominativas, evidenciaram que o fenômeno abrangia mulheres de todas as condições sociais, inclusive mulheres brancas, abastadas que gozavam de prestígio social. Tal constatação joga por terra uma espécie de dualismo perverso que é a associação entre pobreza e chefia feminina, como de um fosse condição do outro.

Palavra-Chave: chefe de domicílio – famílias matrifocais - mulher – domicílio

Área Temática de submissão do Trabalho: **HISTORIA ECONOMICA E DEMOGRAFIA HISTORICA**

¹ Este trabalho é parte de um dos capítulos da tese de Doutorado intitulada: Segurando as pontas, tecendo as tramas: mulheres chefes de domicílio em Minas Gerais – 1770-1880 de minha autoria, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da FAFICH/UFMG em 2008.

Introdução

As pesquisas históricas, especialmente as de caráter demográfico, revelam que no Brasil em geral, Minas Gerais em particular, desde o período colonial tem existido lares encabeçados por mulheres. Suas proporções é que têm variado de região para região, período histórico e camadas sociais, realidade muito distante, portanto, do modelo que pretendia ser hegemônico, baseado na tríade: *pai provedor, mãe submissão e filhos obedientes*.

O número significativo de mulheres chefes de domicílio regendo sua vida e a dos seus familiares subverte as diversas imagens idealizadas e construídas sobre as mulheres no decorrer do tempo, vistas como “*imbecillitas*, frágeis, passivas, lascivas e más”, discursos oriundos da tradição judaica, tradição fortemente arraigada na cultura religiosa ocidental e amplamente divulgada pelo mundo conhecido por meio dos tratados de Teologia Moral e pelos manuais de confessores. Encarregados de traduzir os valores morais e culturais referendados pela tradição judaico-cristã que enfatizava a inferioridade feminina, esses compêndios tiveram, segundo HESPANHA (s.d), “efeitos devastadores muito duradouros sobre a imagem da dignidade da mulher”. Imagens que os discursos paulinos e agostinianos se encarregaram de propagar, e cujos ecos se fazem ouvir ainda hoje. O discurso e imagens sobre a mulher, sobre a condição feminina, deslindam do universo religioso para o filosófico-jurídico, encontrando, de certo modo, guarida nos textos de Direito em geral e de Direito normativo-institucional. Ainda segundo o autor,

o Direito participava deste sistema de pré-compreensões profundas sobre a identidade feminina e a natureza dos sexos e recebia dele as suas intuições fundamentais. No entanto, como saber prático de um mundo social em que as mulheres eram mais do que seres passivos e minorizados, o direito — que, de resto, partia dos dados da cultura romana sobre o gênero, muito mais igualitária do que a cultura judaica —diferenciara-se como sistema produtor de imagens sobre o feminino.

Ainda para HESPANHA (s.d), o Direito desvinculou-se da visão extremada sobre a incapacidade feminina, reforçada em várias passagens das escrituras sagradas e da patrística, e desenvolveu sistemas de valoração próprios que permitiram a integração de situações da prática, como, por exemplo, as da mulher proprietárias de bens, entretanto seu entrelaçamento com o religioso não consegue escapar da ambigüidade.

No Brasil, como de resto as demais sociedades americanas de tradição ibérica, difundiu-se, segundo ALGRANTI (1993:120), especialmente a partir do século XVIII, a concepção de que mulher honrada era aquela que reprimia seus instintos e desejos, mulher recatada que escondia seu corpo porque tinha ciência de seu poder de sedução. No século XIX, consolidou-se como ideal de mulher aquela que aceitava a sexualidade como função reprodutora, a honrada e virtuosa.

Nessas diferentes imagens e discursos criados e difundidos em sua maioria por homens, constata-se, de um lado, uma identificação “por contrastes”, discursos que, no mais das vezes, dizem e revelam muito mais *de quem fala* do que efetivamente *de quem se fala*; de outro lado, a construção de imagens femininas polarizadas — em uma ponta a mulher branca vista como “recatada, casta, preguiçosa, recolhida, modesta” e na outra, as negras e mestiças, relacionadas, por seus traços físicos, à imoralidade, à frouxidão de costumes e valores morais, contrapondo-se às brancas — uma evidente e (de) formada associação de atributos físicos a definições de caráter. Imagens muito difundidas pela

literatura dos viajantes no século XIX,² cujas representações foram reforçadas na historiografia brasileira, especialmente por Gilberto Freyre.

O autor reconhece a presença de mulheres chefes de domicílio, de famílias matrifocais, mas considera esses casos exceções e justifica-se afirmando que

matriarcas houve, no Brasil patriarcal, apenas como equivalentes de patriarcas, isto é, considerando-se matriarcas aquelas matronas que por ausência ou fraqueza do pai ou do marido, e dando expansão à predisposições ou característicos masculinóides de personalidade, foram às vezes 'os homens de suas casas'. FREYRE, 2003:82

Nesse aspecto, LOURO (1997:469), em outro contexto, esclarece que as mulheres eram vistas como “desviantes, como uma ameaça aos arranjos sociais e à hierarquia de gêneros de sua época”, por causa disso “escapavam à representação do senso comum sobre o feminino”, escapavam ainda da representação daqueles que, supostamente, “detinham a autoridade para dizer o que era ser mulher”. Por não corresponderem a papéis socialmente prescritos, isso conduzia a uma “outra representação: a de mulher-homem”, como enxergou Freyre.

A significativa presença feminina encabeçando os lares escapou ou foi escamoteada do olhar dos viajantes e de outros estudiosos da sociedade brasileira, sendo considerada como desvio da norma, como anomalia.

O perfil das Mulheres chefes de domicílio em Minas Gerais

Para se conhecer o perfil das mulheres chefes de domicílio, utilizei como base documental, prioritariamente, as listas nominativas da população dos anos 1831/1832, em primeiro lugar de Minas Gerais como um todo, depois algumas localidades que fazem parte desse estudo, privilegiando algumas informações sobre essas mulheres que considere relevantes para o trabalho.

Levando-se em conta as informações contidas nas listas nominativas em 1831/1832 em Minas Gerais, 74% (57.462) dos chefes de domicílios eram homens, enquanto 26% (20.211) eram mulheres, o que vale dizer que quase um terço das famílias mineiras, naquele momento, estava sendo dirigida por mulheres. No que se refere às mulheres, certamente esse não é um percentual desprezível, levando-se em conta, inclusive, que a maioria delas estava inserida em diversas atividades produtivas para prover sua subsistência e a dos familiares sob sua responsabilidade.

Em relação ao estado conjugal, num total de 20.211 mulheres chefes de domicílio, detectou-se que 49% (9.872) eram solteiras; uma pequena parcela, 8% (1.620), eram casadas; as viúvas correspondiam a 41% (8.373); sobre o restante, ou seja, 2% (346), não constavam informações.

Os dados encontrados evidenciam que grande parte das mulheres chefes de domicílios em Minas Gerais era solteira, seguido das mulheres viúvas e em menor número as casadas. No caso das mulheres casadas, cabe uma ressalva: provavelmente são mulheres com maridos ausentes, seja por motivo de trabalho ou abandono. O cruzamento desses dados com os encontrados nas demais fontes analisadas neste

² Ver WALSH, Robert Rev. Notices of Brazil in 1828 and 1829. Boston: Richardson, Lord & Holbrock, William Hyde, Crokin & Brewster, and Carter & Balcocok, 1831, 2v.; MARJORIBANCKS, Alexander. Travel in souther and América. London: Smpkni, Marshall and Co., 1853; citado por QUINTANEIRO, Tânia. Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeiros do século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

trabalho³ indicam que um significativo número de domicílios de mulheres casadas com marido ausente foi em função de abandono do lar.

Além dessas informações, tem-se a faixa etária das mulheres chefes de domicílio em comparação com os homens.

TABELA 1

Chefes de domicílios segundo faixa etária e sexo				
Província de Minas Gerais, 1831-1832 (%)				
		Sexo		Total
		Homem	Mulher	
Faixa etária do chefe de Domicílio	10 a 14	29	21	50
		0,1%	0,1%	0,1%
	15 a 24	4.672	998	5.670
		8,1%	4,9%	7,3%
	25 a 34	14.896	3.258	18.154
		25,9%	16,1%	23,4%
	35 a 44	14.344	4.699	19.043
		25,0%	23,2%	24,5%
	45 a 59	14.614	5.999	20.613
		25,4%	29,7%	26,5%
	60 e/ou mais	8.787	5.203	13.990
		15,3%	25,7%	18,0%
	Sem informação	120	33	153
		0,2%	0,2%	0,2%
Total		57.462	20.211	77.673
		100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Listas Nominativas de Habitantes de Minas Gerais, 1831/1832. Tabela elaborada pela Profa. Clotilde Paiva, do CEDEPLAR/FACE/UFMG⁴

Na tabela 1, observa-se que, embora significativo o número de mulheres na faixa etária entre 25 e 34 anos, a maior concentração de mulheres está situada nas faixas entre 35 e 60 anos ou mais, o que corresponde a 78,6% das mulheres. Considerando as informações constantes nas demais fontes documentais, pode-se afirmar que nesta faixa etária estão incluídas aquelas mulheres solteiras, mulheres com marido ausente, mas, principalmente, viúvas que não iriam contrair segundas núpcias.

Na tabela 2 a seguir, há os dados desagregados de algumas das regiões⁵ de abrangência do estudo, para as quais havia listas nominativas em 1831/1832. Apresenta-se a proporção de mulheres chefes de domicílio em relação aos homens.

³ Testamentos, inventários, pedidos de sesmaria, cartas de legitimação, processos de divórcio, provisão de tutela.

⁴ Agradeço a Profa. Clotilde Paiva e ao Prof. Tarcísio Botelho a liberação das informações constantes em seus respectivos banco de dados sobre listas nominativas, bem como a confecção de algumas das tabelas utilizada na tese.

⁵ Implícito nesse conceito de região, a idéia da diferenciação dos espaços. Neste caso, diferenciações dos perfis por região.

TABELA 2

Chefes de domicílios segundo a região e o sexo Província de Minas Gerais, 1831-1832.								
Município	Sexo						Total	
	Homem		Mulher		s/i			
	N	%	N	%	N	%		%
Caeté	1401	69,0	613	30,0	3	1,0	2017	100
Minas Novas	836	79,4	217	20,6	-	-	1053	100
Paracatu	797	81,0	186	19,0	-	-	983	100
Pitangui	485	73,2	177	26,8	-	-	662	100
Sabará	2654	65,2	1421	34,8	-	-	4075	100
Vila do Príncipe	993	70,1	423	29,9	-	-	1416	100
Total	7166		3037		3		10206	100

Fonte: Lista Nominativas de Habitantes de Minas Gerais, 1831/1832.

De modo geral, mesmo desagregados, os dados apontam índices parecidos para Minas Gerais como um todo. À exceção de Paracatu, Minas Novas e Pitangui, que apresentam proporção mais baixa, nas demais localidades as mulheres chefes de domicílio representam percentuais em torno de um terço ou muito próximos a um terço da população total.

Para permitir melhor visualização por região em relação à cor dos chefes de domicílios, os dados também estão desagregados por município.

TABELA 3

Chefes de domicílios segundo a região, a cor e o sexo, Província de Minas Gerais, 1831-1832						
Município	Cor/raça	Sexo				Total
		Homem		Mulher		
		N	%	N	%	
Caeté	Branco	416	29,2	92	15,0	508
	Preto	14	1,0	12	2,0	26
	Crioulo	198	14,2	143	23,0	341
	Pardo	739	52,7	342	55,3	1081
	cabra (misto)	17	1,2	19	3,0	36
	Africano	15	1,0	2	1,0	17
	Outros	1	0,7	1	0,7	2
	Total		1400	100	611	100
Minas Novas	Branco	249	29,9	44	20,2	293
	Preto	3	0,3	2	0,9	5

	Crioulo	50	6.0	25	11.5	75
	Pardo	496	59.5	131	60.4	627
	cabra (misto)	36	4.3	15	7.0	51
	Total	834	100	217	100	1051
Paracatu	Branco	422	53.3	49	26.8	471
	Preto	4	0.5	-	-	4
	Crioulo	31	3.9	16	8.8	47
	Pardo	319	40.5	105	57.4	424
	cabra (misto)	2	0.2	-	-	2
	Africano	11	1.4	13	7.0	24
	Outros	2	0.2	-	-	2
	Total	791	100	183	100	974
Pitangui	Branco	274	56.5	84	47.8	358
	Preto	9	1.9	1	0.5	10
	Crioulo	29	6.0	19	10.8	48
	Pardo	172	35.4	72	40.9	244
	cabra (misto)	1	0.2	-	-	1
	Total	485	100	176	100	661
Sabará	Branco	657	24.8	204	14.5	861
	Preto	34	1.3	20	1.4	54
	Crioulo	313	11.8	310	21.8	623
	Pardo	1550	58.5	820	57.8	2370
	cabra (misto)	72	2.8	50	3.5	122
	Africano	17	0.6	10	0.7	27
	Outros	5	0.2	5	0.3	10
	Total	2654	100	1421	100	4075
Vila do Príncipe	Branco	243	24.5	67	15.9	310
	Preto	10	1.0	4	0.9	14
	Crioulo	149	15.0	100	23.7	249
	Pardo	517	52.2	213	50.5	730
	cabra (misto)	40	4.4	21	5.5	61
	Africano	23	2.2	8	1.9	31
	Outros	7	0.7	9	2.1	16
	Total	989	100	422	100	1411

Fonte: Listas Nominativas de Habitantes de Minas Gerais, 1831/1832.

Em relação à cor das mulheres chefes de domicílio, observa-se na tabela um perfil diversificado, entretanto notam-se algumas similaridades na paisagem humana concentrada da seguinte forma: a região de Caeté, Sabará e Vila do Príncipe — regiões consideradas de nível de desenvolvimento alto⁶ — apontaram para alto percentual de mulheres pardas, seguidas de crioulas e em terceiro lugar as brancas, embora com percentuais diferenciados. Ou seja: essa região caracterizava-se pela menor proporção de brancas entre as chefes de domicílio e alta concentração de mulheres pardas (mestiças) e crioulas.

A partir da terceira metade do século XIX vai diminuindo o número de lares femininos chefiados por africanas, ocorrendo o conseqüente aumento do percentual de crioulas. Verifica-se uma crescente “crioulização”, o que não quer dizer que essa intensificação tenha ocorrido somente entre as mulheres. BOTELHO (2001), por exemplo, em pesquisa sobre a região de Montes Claros entre 1810 e 1888 revelou que havia um equilíbrio de faixas etárias entre os sexos entre os crioulos. Para o autor, esse fenômeno seria indício de reprodução natural, resultado de investimento e estratégias tanto de grandes, quanto dos pequenos plantéis.

A região de Minas Novas e Paracatu — regiões tidas como de baixo desenvolvimento — apresenta grande percentual de mulheres pardas, em seguida das brancas e em terceiro as crioulas. Nesta região a menor proporção é de crioulas, porém acompanhado de uma proporção alta de pardas, seguida por brancas. As duas regiões evidenciam a manutenção das relações entre desiguais desde o século XVIII, pois a mestiçagem se mantém. E, por fim, na região de Pitangui — também classificada como região de alto desenvolvimento — as mulheres brancas estão em primeiro lugar, seguidas das mulheres pardas e por fim as crioulas. Neste caso, o maior percentual de brancas entre chefes de domicílio revela que a mestiçagem entre essa população foi historicamente mais baixa. Fato que se confirma quando se faz o cruzamento de testamentos e inventários da região. A proporção de mulheres brancas é muito maior.

Para PAIVA (1996:134), a explicação está no fato da região sudoeste — e aí se inclui Pitangui — ter uma tradição agrícola que remonta ao século XVIII, tornando-se centro produtor de “víveres e outros produtos agropecuários para se abastecer e às áreas mineradoras”, fato observado também pelos viajantes. Segundo a autora, essas atividades provavelmente dependiam menos da mão-de-obra escrava, reduzindo, conseqüentemente, a entrada da população de cor, e, claro, a tendência à mestiçagem. Aliados a esses elementos de ordem econômica, creio deve-se atentar para os de ordem cultural. Há de se pensar qual teria sido o peso e influência da “cultura paulista” na região? Uma vez que a região foi originalmente formada por paulistas e boa parte deles permaneceu e constituiu família na região. Os documentos coletados da região para essa tese sugerem algumas particularidades que, devido a uma série de fatores, nesse trabalho não é possível trazer à tona. Entretanto, exige um estudo detalhado sobre as mulheres chefes de domicílio dessa região, até mesmo em virtude de casos de chefes de domicílios com maridos vivos, estudo que retomarei em momento oportuno.

Em relação às mulheres africanas, a maior proporção nesse momento, 1831/1832, está localizada na região de Paracatu, seguida de Sabará e, por último, Vila do Príncipe. Importante ressaltar isso. Esses dados representam um instantâneo e se modificam para outros anos, pois o perfil populacional não é algo estático, é dinâmico e fruto de uma série de variáveis e conjunções de ordem econômica, social, e também conjuntural, que interferem na dinâmica populacional, inclusive favorecendo a

⁶ Trata-se de critério de regionalização proposto por Clotilde Paiva para compreensão da dinâmica econômica mineira no século XIX, destacando a diferenciação dos espaços econômicos e socio-demográficos. Nesse sentido, as regiões foram divididas por nível de desenvolvimento econômico: alto, médio e baixo. Uma análise verticalizada dos critérios e parâmetros utilizados para essa regionalização, cf. PAIVA, C. de A.(1996).

mestiçagem. É evidente que tais transformações na paisagem demográfica são traduzidas pelo crescimento populacional e pela dinâmica das alforrias, alterando, basicamente, a proporção da população livre. No caso específico das mulheres, haverá maior presença de mulheres negras, crioulas e pardas entre a população livre, aumentando esse percentual.

Os dados das listas nominativas, aliados aos dos testamentos e inventários, apresentam resultados que jogam por terra a idéia de que os lares matrifocais eram exclusivamente compostos por mulheres negras, pardas e mestiças e marcados pela pobreza. Demonstra ainda que o perfil demográfico não é homogêneo, apresentando diferenciação de região para região.

No que se refere aos homens, destaca-se o perfil demográfico similar para a região de Caeté, Sabará, Minas Novas e Vila do Príncipe, em que há chefes de domicílio pardos em maior número, seguidos de brancos e em menor proporção de crioulos; a região de Pitangui e Paracatu apresenta maior proporção de homens brancos, em segundo lugar os chefes pardos e, em número bem menor, os crioulos.

Quanto ao grupo doméstico-familiar, apresenta variações quanto ao tamanho, como se pode ver na tabela 4.

TABELA 4

Tamanho dos domicílios				
Chefes de domicílios segundo o tamanho dos domicílios e o sexo				
Província de Minas Gerais, 1831-1832				
Município	Tamanho do domicílio	Homem	Mulher	Total
Caeté	1 indivíduo livre	111	125	236
	2 indivíduos livres	241	149	390
	3 a 5 indivíduos livres	589	224	813
	6 a 12 indivíduos livres	437	109	546
	13 + indivíduos livres	23	6	29
	Total		1401	613
Minas Novas	1 indivíduo livre	78	40	118
	2 indivíduos livres	189	44	233
	3 a 5 indivíduos livres	330	99	429
	6 a 12 indivíduos livres	236	34	270
	13 + indivíduos livres	3		3
	Total		836	217
Paracatu	1 indivíduo livre	37	35	72
	2 indivíduos livres	124	39	163
	3 a 5 indivíduos livres	351	76	427
	6 a 12 indivíduos livres	279	36	315
	13 + indivíduos livres	6		6
	Total		797	186
Pitangui	1 indivíduo livre	17	34	51
	2 indivíduos livres	109	43	152
	3 a 5 indivíduos livres	216	72	288

	6 a 12 indivíduos livres	138	28	166
	13 + indivíduos livres	5		5
	Total	485	177	662
Sabará	1 indivíduo livre	237	275	512
	2 indivíduos livres	484	297	781
	3 a 5 indivíduos livres	1094	607	1701
	6 a 12 indivíduos livres	802	227	1029
	13 + indivíduos livres	37	15	52
	Total	2654	1421	4075
Vila do Príncipe	1 indivíduo livre	129	133	262
	2 indivíduos livres	174	84	258
	3 a 5 indivíduos livres	381	150	531
	6 a 12 indivíduos livres	294	52	346
	13 + indivíduos livres	15	4	19
	Total	993	423	1416

Fonte: Listas Nominativas de Habitantes de Minas Gerais, 1831/1832.

Os dados constantes na tabela 4 evidenciam que, nas regiões estudadas nesse trabalho, a grande maioria dos domicílios femininos tinha em média de 3 a 5 indivíduos livres. De modo geral, esses domicílios eram compostos pela mãe e filhos, ou mãe, filhos e avós; às vezes a chefe do fogo com irmãs ou irmãos, como, por exemplo, o domicílio de D.Joaquina Peres do Lago, branca, 58 anos, solteira e fazendeira. Em seu domicílio vivia Antonio Peres do Lago, branco, 56 anos, solteiro, provável irmão que atuava como administrador de sua fazenda.⁷ Possuía cinquenta e sete escravos com diversas ocupações.

Chama a atenção ainda um grande número de domicílios unipessoais, ou seja, aqueles com apenas uma pessoa: a própria chefe. Cruzando os dados com inventários ou testamentos, detectei que parte desses domicílios unipessoais era composto por de viúvas que, no momento do censo, encontrava-se na fase do ciclo doméstico, em que os filhos já haviam se casado e estavam em seus próprios domicílios. Tem-se, por exemplo, diversos domicílios unipessoais, como o de Felícia Martins, de 56 anos, viúva, crioula liberta, que trabalhava como fiadeira; ou Tereza Gregória, parda, 46 anos, solteira, que atuava como fiadeira.⁸ Nota-se que no quadro de transformação econômica e demográfica, a partir da segunda metade do século XIX, começa a aumentar consideravelmente o número de domicílios unipessoais, ou seja, com mulheres sozinhas no domicílio, especialmente na faixa etária acima de 55 anos.

Entre os domicílios extensos, encontra-se o de D.Anna Angélica de Siqueira, branca, 70 anos, solteira, mineira. Possuía trinta escravos e ainda duas agregadas: Maria Felisberta, branca, 40 anos, solteira, costureira com duas escravas e Maria Emília, branca, 37 anos, solteira, costureira com três escravos. Prováveis filhos no domicílio: Justino Eulário, Joaquim Ricardo, Jose Agostinho de Siqueira, Antonio Neves com sua mulher Maria Cândida com dois filhos.⁹

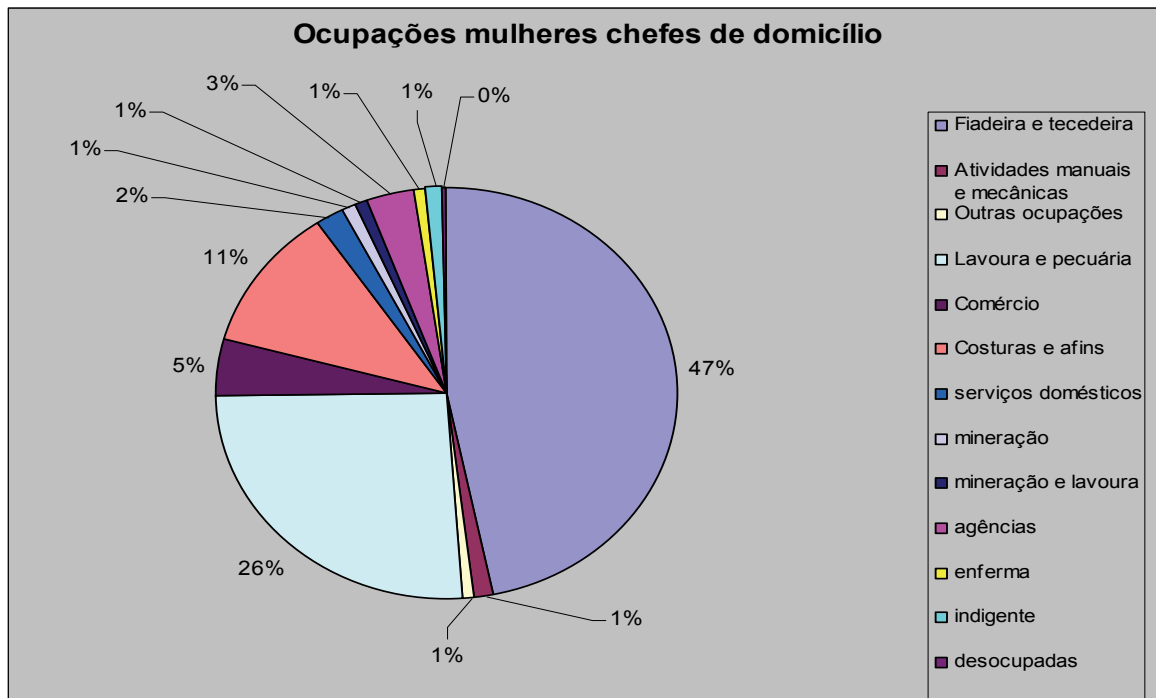
⁷ APM, MP, Cx.6, doc.7, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1832, Paróquia de Matozinhos.

⁸ APM, MP, Cx.6, doc.7, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1832, Paróquia de Matozinhos.

⁹ APM, MP, Cx.6, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1831. Santa Rita, Sabará.

No que se refere à ocupação das mulheres, observa-se, em Minas Gerais, a existência de uma estrutura ocupacional diversificada, em que a maioria das ocupações está concentrada em cinco grupos principais: fiação, tecelagem e costuras; lavoura e pecuária; comércio, mineração. O gráfico n. 1 indica as diversas ocupações das mulheres chefes de domicílio.

GRÁFICO 1



Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1831/1832.

O gráfico 1 evidencia que grande parte das mulheres chefes de domicílios vivia de ofícios do setor têxtil: eram fiandeiras, rendeiras, tecelãs, e perfaziam um total de 6.925 mulheres, no total de 47% das mulheres trabalhadoras. Por isso, não era raro encontrar domicílios como o de D. Joaquina da Graça, moradora na vila de Santa Luzia, solteira, com 63 anos de idade, fiadeira. Possuía no domicílio duas escravas africanas, Maria e Tereza, de 46 e 70 anos respectivamente, também solteiras e fiadeiras, ou como Rita Perpétua, moradora de Congonhas do Sabará, atual Nova Lima, mulher parda, com 40 anos de idade, solteira, fiadeira. Vivia em seu domicílio com suas prováveis filhas: Ana Perpétua, 26 anos de idade, solteira, parda, também fiadeira e Cipriana Perpétua, 25 anos, solteira, fiadeira, e mais sete crianças, de idade entre 12 e 1 ano, mas não foi possível identificar se eram filhas de Ana Perpétua e/ou Cipriana. Constava, ainda nesse domicílio, uma agregada, Joana Martins, mulher parda de 64 anos, solteira, também fiadeira.¹⁰ É possível que Joana seja mãe de Rita Perpétua, a chefe do domicílio, embora não tenha sido identificada assim pelo recenseador. Tinha-se, ainda, Ana Joaquina, preta, viúva, 31 anos de idade, rendeira. Viviam em seu domicílio os prováveis filhos: Sabino Venâncio, preto, 16 anos de idade e Joaquim Mariano, 13 anos, alfaiates, e Carlota Maria, 11 anos, que era fiadeira. Contavam com um casal de escravos no domicílio. É provável que todos contribuíssem com seus trabalhos para a manutenção do domicílio.¹¹

¹⁰ APM, MP, Cx. 35, doc.19, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1832, Santa Luzia.

¹¹ APM, MP, Cx.6, doc.7, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1832, Paróquia de Matozinhos.

Tanto no Período Colonial, quanto Imperial, as fiadeiras e tecedeiras estão presentes nas unidades domésticas mineiras. Nesta ocupação, a predominância feminina é incontestável, envolvendo prioritariamente mulheres livres, agregadas, e em menor proporção as escravas.¹² Aliado a isso, deve-se lembrar que Minas Gerais, segundo Douglas Libby, nas primeiras quatro décadas do século XIX a produção era dispersa por diversas regiões da província, mas havia algumas regiões que se destacam, algumas delas nas regiões abrangidas por esse estudo, como Minas Novas, boa parte das regiões do vale do Jequitinhonha, Mucuri, Rio Doce, no entorno de Paracatu e Sabará. Provavelmente, uma cena muito comum seria chegar em um domicílio da região de Sabará, da Vila do Príncipe e em Minas Novas, e encontrar as mulheres fiando o algodão, outras fazendo renda, enquanto outras cosiam.

Como pode ser observado no gráfico 1, a segunda maior ocupação entre as mulheres chefes de domicílio era a lavoura e pecuária,¹³ absorvendo 3.800 chefes mulheres, o que corresponde a 26% do total de mulheres chefiando domicílios, como, por exemplo, o domicílio de D.Escolástica Maria Jardim, moradora no Arraial Velho, freguesia de Conceição de Raposos, vila de Sabará, de 75 anos de idade, viúva, branca, com ocupação identificada como roceira. Viviam em seu domicílio os prováveis filhos: Francisco Amâncio Vieira, branco, de 39 anos, solteiro; D.Ana Clara, 47 anos, branca, solteira; D.Escolástica, 46 anos, branca; D.Luisa Ignácia, solteira, 41 anos, branca. No seu domicílio, viviam, criados, ainda três pessoas: Mariano, branco, de 22 anos, solteiro; Manoel dos Santos, 23 anos, solteiro e D.Maria, de 21 anos, solteira, além de 25 escravos.¹⁴ Também D. Maria Moreira da Silva, moradora de Matozinhos, viúva branca de 60 anos de idade, vivia de sua roça com sua filha.¹⁵

Em relação à faixa etária, as mulheres chefes de domicílios ocupadas em lavoura e pecuária — as identificadas como lavradoras, num total de 2.760 — 35,2% estavam na faixa de 45 a 59 anos e 35% contavam com 60 anos ou mais, e bem mais abaixo, com 19,3%, estavam as de faixa etária entre 35 e 44 anos.

As costureiras, num total de 1.652 — ou seja: 11% das mulheres chefes de domicílio — faziam desse ofício seu meio de sobrevivência. Como, por exemplo, no domicílio de D.Maria Evangelista de Almeida, moradora em Santa Luzia, solteira, com idade de 45 anos, branca, costureira. Vivia ainda no seu domicílio D.Joaquina de Almeida, 52 anos, também solteira e costureira, provavelmente irmã de D. Maria. Havia ainda doze escravos no domicílio e, entre eles, um era alfaiate e uma fiadeira.¹⁶

Destaca-se ainda no gráfico 1 que 5% (688) das mulheres chefes de domicílio, estavam ocupadas com o comércio, seja como negociantes, vendas, estalagem, entre outras. Entre os diversos domicílios, tem-se o de Francisca Custódia, branca, viúva, que vivia como estalajadeira, com a ajuda de cinco escravos, sendo três mulheres e dois homens, ou mesmo o de Maria Fernandes, mulher parda, solteira, com 48 anos, que vivia como taberneira, contando com a ajuda do escravo João, crioulo, 29 anos, solteiro, que servia a casa.

Muitas mulheres também viviam de suas agências da mineração, às vezes conciliando duas atividades, como mineração e lavoura. Outras viviam do ofício de parteira, como Escolástica Rodrigues do Prado, mulher parda, viúva de 67 anos. Possuía

¹² Sobre o tema ver: LIBBY, Douglas Cole. Introdução. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, v. XL, 1995; _____. Notas sobre a produção têxtil brasileira no final do século XVIII: novas evidências de Minas Gerais, Estudos Econômicos, São Paulo, v.27, n.1, p.97-125, jan/abr, 1997.

¹³ No grupo de Lavoura e Pecuária, foram computadas as mulheres identificadas nas seguintes ocupações: lavradora, agricultora, roceira, criadora etc.

¹⁴ APM, MP, Cx.6, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1831, Arraial Velho, Freguesia de Conceição de Raposos, Vila de Sabará.

¹⁵ APM, MP, Cx.6, doc.7 Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1832, Matozinhos.

¹⁶ APM, MP, Cx.35, doc.19, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1831, Santa Luzia.

quatro escravos, sendo duas mulheres, uma angola e outra crioula, e dois homens angolas.

Algumas viviam com a herança de seus maridos, outras tocavam os negócios herdados dos maridos, vivendo do comércio, proprietárias de lavras de mineração, sítios e/ou fazendas, várias delas com engenhos de cana, produtoras de açúcar e aguardente ou somente aguardente, transformando suas “rocinhas” em verdadeiras unidades de produção, tanto no século XVIII, como no século XIX.

Embora em número reduzido, observa-se a presença de mulheres em atividades ditas “masculinas”, tais como: mineração, extrativismo; cerâmica (barro); pecuária, tropeirismo, como já apontado por MARTINS et al (2004).

Muitas vezes adversas à necessidade de sobrevivência e manutenção da família, as condições de existência levaram muitas mulheres a assumirem atividades que eram prerrogativas “masculinas”. Segundo SAMARA(1993: 49-61) “no Brasil, especialmente no meio urbano, o exercício de papéis informais, improvisados, servem para desmistificar a rígida divisão de tarefas e incumbências concebidas no modelo patriarcal de família”.

Outras ficaram impedidas de trabalharem devido a enfermidades. De acordo com as listas nominativas, a maior parte dessas mulheres se situa na faixa etária de 60 anos ou mais, em média 63%, depois, num patamar muito abaixo, estão aquelas na faixa de 45 a 59 anos, 14,1%, e mulheres na faixa de 35 a 44 anos, 11,7%; na faixa de 25 a 34 anos, o percentual cai para 9,4% e é irrisória a incidência na faixa etária entre 15 a 24 anos.

Em suas ocupações, as mulheres se dividiam em dois grupos: aquelas que viviam de seus ofícios para sobreviverem — como fiadeiras, rendeiras, tecedeiras, costureiras e muitas outras atividades manuais e mecânicas, algumas contando com escravos na empreitada e uma maioria que não possuía escravos; as do grupo de proprietárias, de fazenda, roças, comércio e mineração.

No que se refere a posse de escravos entre as mulheres nota-se que exceto aqueles domicílios que não tem escravos, que correspondente a 73% (14.635) do total das chefes em Minas Gerais, a média de escravos por grupo doméstico varia de 01 a 3 escravos.

TABELA 5

Tamanho dos domicílios							
Chefes de domicílios segundo faixa etária das chefes e o tamanho dos plantéis							
Província de Minas Gerais 1831/1832							
Faixa Etária da chefe		Tamanho dos plantéis					Total
		Sem escravos	1-3 escravos	4-10 escravos	11-49 escravos	50 e mais	
Faixa Etária da chefe	15 a 24	891	74	31	2	0	998
		6,2%	2,6%	1,7%	0,3%	0,0%	4,9%
	25 a 34	2.747	341	131	36	3	3.258
		18,6%	11,9%	7,2%	5,1%	7,3%	16,2%
	35 a 44	3.696	567	338	94	4	4.699
		25,0%	19,9%	18,5%	13,2%	9,8%	23,3%
	45 a 59	4.169	938	632	244	16	5.999
		28,3%	32,9%	34,7%	34,4%	39,0%	29,9%

	60 e mais	3.232	929	690	334	18	5.203
		21,9%	32,6%	37,9%	47,0%	43,9%	25,8%
Total		14.735	2.849	1.822	710	42	20.157
		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

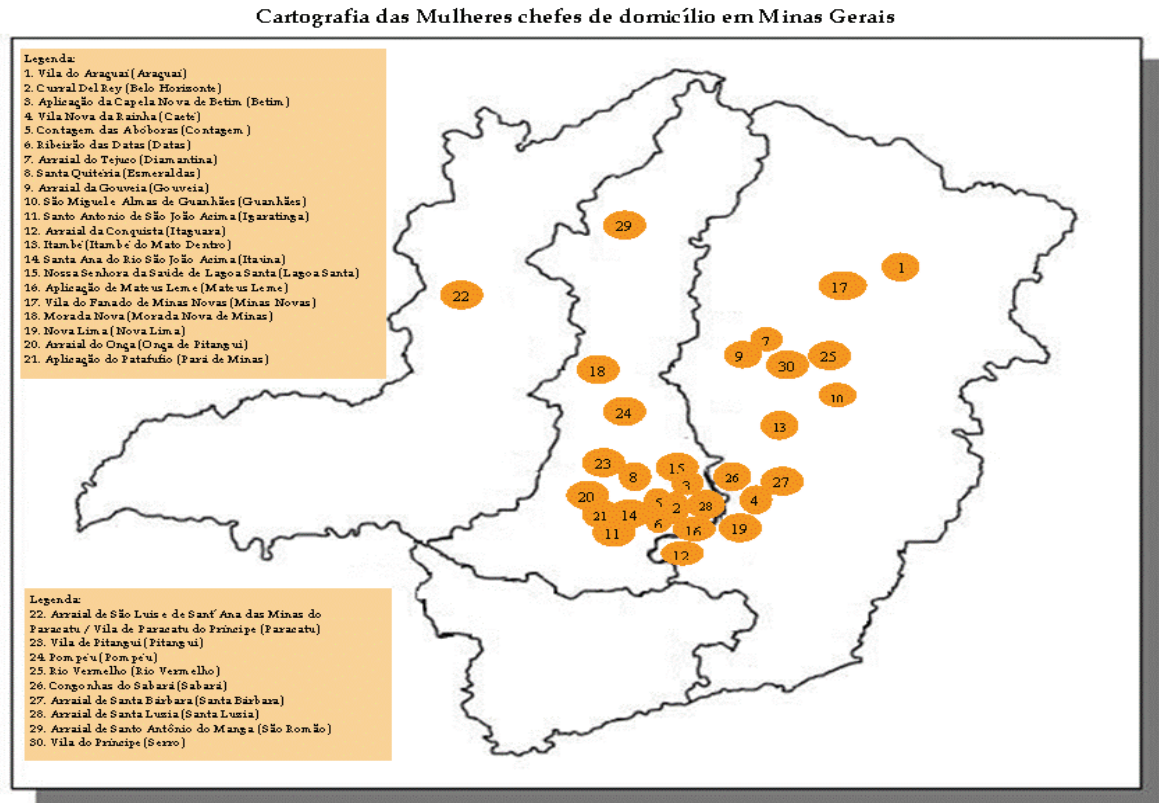
Fonte: : Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1831/1832

No que se refere ao tamanho dos planteis, observa-se pela tabela 5 que o maior percentual de proprietárias de escravos está concentrado em duas faixas etárias: de 45 a 59 anos e 60 anos e mais. Fato, também, observado na análise dos inventários e testamentos. Confrontando esses resultados com os testamentos e inventários, observei que nesta faixa etária estava localizado o maior número de viúvas. Pode-se inferir que o recebimento de herança do marido ou de sua meação deixava uma boa parcela de mulheres em situação econômica vantajosa. Entre as solteiras, detecta-se também que certo conforto financeiro nesta faixa etária era mais recorrente, inclusive para as forras. Afinal, acumular algum patrimônio demandava tempo.

Também não é desprezível o número de mulheres, chefes de domicílio donas de um plantel entre 4 a dez escravos. Em geral este era o tamanho da escravaria de algumas mulheres fazendeiras, ligadas ao comércio e negociantes de médio porte que conseguiram acumular um significativo patrimônio, ou mesmo mulheres chefes de domicílio como Rita Paes Gouveia. Essa mulher crioula, solteira, nascida em Sabará, em 1774, morava sozinha no Arraial do Tejuco, em sua casa na rua do Bonfim, área mais central do Arraial. Como não tinha filhos deixou o seu patrimônio composto por uma morada de casas, trastes de casa e mais oito escravos para seu sobrinho. Fazia parte das Irmandades das Mercês e das Almas.¹⁷ Contudo, este estudo revelou que não foi a única.

¹⁷ AHU, Manuscritos Avulsos de Minas Gerais, Cx. 108. doc. 9 f.3, 1774. Detalhes sobre a trajetória dessa e de outras mulheres de cor no Arraial do Tejuco ver: FURTADO, Júnia F. Entre becos e vielas: o arraial do Tejuco e a sociedade setecentista. In: PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho. (Orgs.). O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver - séculos XVI e XIX.. São Paulo: Anna Blume, 2002, v. 1, p. 497-511; e Pérolas negras: mulheres livres de cor no Distrito Diamantina. In: Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001

Distribuição espacial das mulheres, chefes de domicílio, pesquisadas em Minas Gerais, no período de 1770 a 1880.



Fonte: Adaptado de BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1995.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da documentação evidencia que mesmo de modo lento, se comparado com os homens, as mulheres vão ampliando sua participação no grupo de proprietários de escravos, especialmente a partir do final do século XVIII.

Ainda que 73% das mulheres não tenha sido proprietária de escravos é possível problematizar a idéia de feminização da pobreza tão enraizado no pensamento social brasileiro. Creio mesmo que naquela sociedade a noção de pobreza precisa ser matizada. Num exame atento das listas nominativas observa-se que um número muito baixo de mulheres foi caracterizado como pobres pelo recenseador.

O número de mulheres forras bem sucedidas, especialmente, na região de Diamantina no final do século XVIII e ao longo do XIX, desmente a visão de que essas mulheres, ao utilizarem o seu pecúlio para comprar alforria, teriam engrossado a fileira das mulheres despossuídas. Não descarto da existência de mulheres pobres em Minas Gerais, mas não é possível crer em pobreza generalizada. Como afirma FARIA (2004:114), do ponto de vista material é muito difícil crer que mulheres que possuíam escravos, fizeram inventários possam ser consideradas pobres.

FONTES DOCUMENTAIS

APM, MP, Cx.6, doc.7, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1832, Paróquia de Matozinhos.

APM, MP, Cx.6, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1831. Santa Rita, Sabará.

APM, MP, Cx. 35, doc.19, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1832, Santa Luzia.

APM, MP, Cx.6, Listas Nominativas dos Habitantes de Minas Gerais, 1831, Arraial Velho, Freguezia de Conceição de Raposos, Vila de Sabará.

AHU, Manuscritos Avulsos de Minas Gerais, Cx. 108. doc. 9 f.3, 1774.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila Mezan. Honradas e devotas mulheres da Colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil. 1750-1822. São Paulo: Ed. José Olympio, 1993.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues et.alii. (orgs.). História Quantitativa e serial no Brasil: um balanço. Belo Horizonte: ANPUH, 2001.: A escravidão em Minas Gerais.

FARIA, Sheila Siqueira de Castro. Sinhas pretas, damas mercadoras: as pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João Del Rey (1700-1850). Niterói, RJ: UFF, 2004.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 14 ed. revista. São Paulo: Global, 2003.

FURTADO, Júnia F. Entre becos e vielas: o arraial do Tejuco e a sociedade setecentista. In: PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho. (Orgs.). O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver - séculos XVI e XIX.. São Paulo: Anna Blume, 2002.

_____. Pérolas negras: mulheres livres de cor no Distrito Diamantina. In: Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

HESPANHA, Antonio Manuel. O estatuto jurídico da mulher na época da expansão. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, s.d, mimeo.

LIBBY, Douglas Cole. Introdução. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, v. XL, 1995; _____. Notas sobre a produção têxtil brasileira no final do século XVIII: novas evidências de Minas Gerais, Estudos Econômicos, São Paulo, v.27, n.1, p.97-125, jan/abr, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres em sala de aula. In. PRIORE, Mary del. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Ed. Contexto, 1997.

MARJORIBANCKS, Alexander. *Travel in souther and América*. London: Smpkni, Marshall and Co., 1853; citado por QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeiros do século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MARTINS, Maria do Carmo Salazar; SILVA, Helenice Carvalho Cruz; LIMA, Maurício Antonio de Castro. Branco mais que preto é igual a cinzento? Sexo e cor em Minas Gerais na primeira metade do século XIX. In: *Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Caxambu, ABEP, set.2004.

PAIVA, Clotilde de Andrade. *População e economia nas Minas Gerais do século XIX*. São Paulo: FFLCH/USP, 1996. (Tese, Doutorado).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

SAMARA, Eni de Mesquita. Mulheres chefes de domicílios: uma análise comparativa no Brasil do século XIX. *História*, São Paulo, v. 12, p. 49-61, 1993.

WALSH, Robert Rev. *Notices of Brazil in 1828 and 1829*. Boston: Richardson, Lord & Holbrock, William Hyde, Crokin & Brewster, and Carter & Balcocok, 1831, 2v.;